



## “O FUTURO DA NAÇÃO”: INFÂNCIA E TRABALHO NO PÓS-ABOLIÇÃO EM SALVADOR (1889-1910)

Cintia Lima

Discente do Programa de Mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

[cintialeema@gmail.com](mailto:cintialeema@gmail.com)

O organismo das crianças não suporta impunemente o demasiado trabalho, e a força e inteligência exclusivamente desenvolvida prejudica o desenvolvimento físico. É um erro de muitos pais, que aliás o amor explica. Desculpe a franqueza das minhas palavras.<sup>1</sup>

Maria, Euphrosina e Caboclinha são três das personagens do livro *Mestra e Mãe*<sup>2</sup>, de Amélia Rodrigues, publicado em 1898. Juntas, as meninas protagonizaram uma série de situações marcadas por conflitos que deveriam ser resolvidos pela família, pela mestra e por elas mesmas. As situações narradas possuíam, em suma, um aspecto moralizante; eram como fragmentos que, combinados, formavam uma colcha de retalhos: o conceito de infância.

Definido pela própria escritora como um manual de educação moral e cívica para as meninas<sup>3</sup>, *Mestra e Mãe* tinha como finalidade ensinar comportamentos específicos: o modo correto de falar, de se vestir, como se portar e qual a relação deveria ser estabelecida com os estudos, afinal, para Amélia Rodrigues as meninas deveriam estudar e ocupar lugares públicos, desde que estivessem em consonância com a moral religiosa e cívica da época.

Na narrativa da escritora as personagens devem ser compreendidas dentro de uma dimensão cultural e histórica, em que suas atuações literárias são elementos importantes para investigação do conceito de infância do período. Percebemos, ao ler *Mestra e Mãe*, quais eram as expectativas republicanas sobre a educação das crianças, em especial das mulheres, bem como os anseios, as promessas, as noções de honra feminina e masculina, entre outras coisas. Não só ela, mas também

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Amélia. *Mestra e mãe: Educação cívica e moral*. Bahia: Typ. Salesiana, 1929, p. 112.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> SILVA, Caroline Santos. A Escritora Amélia Rodrigues Através das Páginas de *Mestra e Mãe*. VII Simpósio Nacional de História Cultural, São Paulo, p. 1. Novembro, 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Caroline%20Santos%20Silva.pdf>. Acesso em: 08 jun 2023.



uma série de intelectuais republicanos, dentre eles literatos, médicos e juristas, se aventuraram pelo campo das histórias infantis, engendrando, assim, uma literatura atrelada ao universo das crianças, contribuindo para a criação de um ideal de infância fortemente marcado por temáticas relacionadas à família, à escola e à nação.

Não é estranho afirmar que a literatura infantil no Brasil surgiu como um projeto civilizacional disputado por diferentes projetos políticos-ideológicos, conforme escreveu Patricia Hansen<sup>4</sup>. Muito embora a produção nacional buscasse ser gigante por sua própria natureza, exaltando símbolos nacionais na produção direcionada aos futuros cidadãos, vale salientar que esse universo infantil que se forjou no meio literário entre o final do século XIX e começo do XX buscou suprimir a diversidade populacional, consolidando, assim, um tipo ideal de infância que almejou a construção da imagem de brasileiros e brasileiras como uma nação branca.

Não podemos esquecer que esse projeto civilizacional foi forjado, sobretudo, pelos médicos, pela criminologia e pelos literatos.<sup>5</sup> Concomitante a publicação de *Mestra e Mãe* e outros livros destinados às crianças, ocorria, também, uma tentativa de redimir o Brasil de seu maior problema: o elemento racial.<sup>6</sup> É nessa esquina entre racismo científico e infância que as hierarquias raciais se entrecruzaram, construindo lugares de infância.

Longe de ser uma fase puramente biológica, a infância é, na verdade, uma construção social e histórica.<sup>7</sup> A elaboração de um tipo ideal de infância, nos moldes europeus, excluiu boa parte da população infantil e juvenil no Brasil, negando os mais fundamentais direitos e cidadania a população pobre e de cor, num país que havia recém-abolido a escravidão.

De fato, a literatura dirigida às crianças foi uma moda internacional do século. Esses "livros-nação" eram, na verdade, verdadeiros manuais cívico-pedagógicos. De acordo com Patrícia Hansen<sup>8</sup>, o final do século XIX resultou numa mudança na percepção do tempo, tornando a infância um momento de grande importância social: era a fase da vida que deveria encarnar o futuro da nação.

---

<sup>4</sup> HANSEN, Patrícia Santos. Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

<sup>5</sup> SAMPAIO, Gabriela dos Reis; ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. De que lado você samba? Campinas: Editora da Unicamp (Coleção Históri@ Ilustrada), 2021... Ver, especialmente, capítulo 4: Navegadores Cientistas.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003

<sup>8</sup> HANSEN, op. cit.



A expansão dos sistemas escolares e as mudanças ocorridas no campo da educação possibilitaram a educação pública tornar-se um dos maiores promotores da padronização da língua, obstinando, assim, a construção de um passado comum e formando cidadãos de acordo com a política em vigência. Somado a isto, destacamos, também, o fortalecimento da indústria e do comércio editorial, que permite a ampliação da circulação de mídias impressas pelos territórios nacionais.<sup>9</sup>

Esses fatores levaram a um gigantesco investimento intelectual nas literaturas infantis nacionais, que resultaram em reformas educacionais que objetivaram a nacionalização do ensino. Muito longe de representar "interesses infantis", essa produção deveria informar o passado e formar o futuro: a criança tornou-se um "ser social". Aqui, a infância não era mais restrita a privacidade doméstica: o filho não pertencia apenas os pais, ele era o futuro da nação e da raça.<sup>10</sup>

Diversos livros estrangeiros serviram de modelo para os escritores de literatura infantil. Esses livros são impactantes na estrutura literária nacional, pois, apesar de incorporarem os modelos pedagógicos dos romances de formação, fornecendo a instrução cívica, possuíam uma narrativa que dialogava com o universo infantil, remetendo, assim, a experiência dos próprios escritores. Destaca-se o livro *Cuore*<sup>11</sup>, do autor Italiano Edmondo De Amicis, publicado em 1886, e *Le tour de la France pax deux enfants*, da escritora Augustine Fuilée.

Não se pode perder de vista, também, que a literatura infantil brasileira surgiu num contexto internacional de crescimento do nacionalismo, um dos elementos que contribuiu para ocorrência da Primeira Guerra Mundial. Podemos afirmar que uma característica desse cenário foi a presença de uma abundante produção de bens culturais e simbólicos sobre a nação, evocando, assim, signos e símbolos de amor à pátria, como os soldados que dão a vida pelo país, meninos que se comportam com "virilidade", ideais de honra e virtuosidade feminina, a importância do trabalho e dos trabalhadores. A literatura infantil incorporou esses elementos a partir de um ideal cívico-pedagógico.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> ROCHA, Mateus Vinícios Afonso. Como a poesia das laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

<sup>10</sup> HANSEN, op. cit., ROCHA, op. cit.

<sup>11</sup> AMICIS, Edmondo de. Coração. São Paulo: CosacNaify, 2011.

<sup>12</sup> HANSEN, op. cit.



Não podemos esquecer que o Brasil possuía altíssimos índices de analfabetismo nesse período.<sup>13</sup> Isso nos sugere que os livros eram direcionados a um determinado público, que possuía acesso a educação para aprender a ler e escrever, bem como poder aquisitivo para adquirir a produção e tempo para lê-la. Embora seja, de certa forma, evidente que a produção literária e infantil não era direcionada as crianças das classes populares e de cor, não podemos deixar de questionar: que imagem de nação e de nacionalidade era apresentada as crianças? Além disso: qual o lugar das crianças pobres e de cor na construção do futuro da nação?

Debaixo de uma árvore, lido em voz alta por um adulto, ou num quarto silencioso: pouco se sabe sobre a circulação e recepção da literatura infantil. Não se pode dizer, de fato, como os livros eram lidos pelos pequenos. Porém a linguagem, bem como os textos curtos, normalmente em forma de poemas, com rimas, entre outros modelos, podem nos levar a formular hipóteses sobre a recepção e circulação das obras, atrelados a um mapeamento do processo de produção e circulação dos livros infantis na cidade de Salvador.

Os livros infantis do período, dentre os quais se inclui *Mestra e Mãe*, receberam muito investimento editorial para se tornarem atrativos para as crianças. Caroline Santos Silva, quando analisou a circulação desse material na capital baiana<sup>14</sup>, a partir dos anúncios presentes em diversos periódicos, dentre eles *O Petiz*, *Revista do Ensino Primário* e *Diário da Bahia*, constatou que a maioria dos anúncios literários pertenciam a editora Catalina<sup>15</sup>, uma das mais importantes da época. O catálogo dos livros infantis não apenas possuía informações básicas como nome do autor, ano de publicação e o resumo da obra, mas também de que forma o conteúdo poderia ser útil para a formação das crianças.<sup>16</sup>

Muitos dos livros presentes no catálogo da Catalina foram indicados para a utilização nas escolas. Também os livros indicados para o entretenimento das crianças possuíam elementos moralizantes. Além de Amélia Rodrigues, outros escritores se dedicaram a temática da infância. Destacamos o livro *Mosaico Infantil* (1911), de Virgílio Cardoso de Oliveira; *O pomo de Ouro e*

---

<sup>13</sup> ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>14</sup> SILVA, Caroline Santos. Representação e Subjetividades Infantis nos Livros para Crianças em Salvador no Início do Século XX. Orientadora: Ana Lize Brancher. 2017. Tese (Doutorado). Curso de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185396>. Acesso em 08 jun 2023.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Ibid.



*outros contos maravilhosos* (1913), de Almachio Diniz; *Oração às crianças* (1813), de Lemos Brito. Dentro dessas obras, procurou-se legimitar um tipo ideal de infância, uma representação de um universo ancorado sobre um projeto civilizacional muito bem delineado, que tinha como finalidade forjar noções sobre ser menino e menina na sociedade baiana.

A literatura infantil no período republicano pode ser definida como um campo de produção intelectual que buscou definir e redefinir a subjetividade das crianças, através de situações que narravam confrontos entre a experiência de ser criança e o mundo adulto.<sup>17</sup> Por intermédio da ficção, diversos autores forjaram o que era infância no país, transmitindo normas e comportamentos que deveriam ser assimilados afim de que os pequenos pudessem se inserir e consolidar seu lugar social na sociedade republicana.

Logo, ao tratar de literatura infantil, partimos do pressuposto de que seu surgimento se dá a partir do mundo adulto e de suas instituições. Não apenas das escolas, mas também da Medicina e do Direito. Destacamos literatura produzida por José Gabriel Lemos Britto<sup>18</sup>, um advogado que dedicou grande parte de sua trajetória para discutir a proteção jurídica à criança e ao adolescente.

Nascido em 1886, na cidade de Salvador, o jurista atuou fortemente na História do Direito brasileiro e publicou mais de trinta obras literárias sobre os mais diversos temas, que iam deste História à Literatura, Poemas, Economia, Sociologia, entre outros. Apesar da vastíssima produção do escritor, totalizando mais de 30 obras, é possível estabelecer assuntos pontuais em seus escritos, são eles: sistemas penitenciários do Brasil; assistência a menores e direito penas; crime e criminosos na sociedade brasileiro. O autor teve um grande impacto na reforma do sistema penitenciário brasileiro, com destaque para a reformulação do Código de Menores de 1927.<sup>19</sup>

Publicado em 1913, o livro *Oração as Crianças*<sup>20</sup> demonstra uma das grandes preocupações da época: a quantidade de crianças abandonadas desde o fim da escravidão. Os pequenos e pequenas se tornaram temas de debates eugenistas. A construção do conceito de infância, atrelado a identidade nacional, num país racialmente plural foi um dos desafios que surgiram com a abolição da escravidão em 1888. Assim, numa nação na qual diversos intelectuais e pensadores propunham a manutenção

---

<sup>17</sup> ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.

<sup>18</sup> HELBER, Renato Medeiros. Lemos Britto e a Questão dos Menores no Brasil (1920-1963). XIX Encontro de História Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, p.1, Setembro, 2019. Disponível em: [https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600452710\\_ARQUIVO\\_85e09389dcefc5163d2d22503760ab5e.pdf](https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600452710_ARQUIVO_85e09389dcefc5163d2d22503760ab5e.pdf). Acesso em 08 jun 2023.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> BRITTO, Lemos. *Oração às crianças*. Salvador: Livraria Catilina, 1913.



dos valores morais brancos e católicos, era necessário debater qual o lugar que os menores ocupavam dentro da construção de uma ideia de Brasil. A infância tornou-se um dos eixos principais dos debates elaborados pelos intelectuais brasileiros.

As teses e teorias sobre a infância sugeriam diferentes desdobramentos para o ser criança. Esses itinerários, naturalmente orientados por questões de raça e classe, objetivavam construir, também, o sentimento de patriotismo nos pequenos. Assim, as crianças deveriam amar a pátria, e os livros ensinavam isso.

O livro *Oração as Crianças*<sup>21</sup> nos descreve o quão racializada era a questão do trabalho na república. Os 10 capítulos presentes na obra orbitavam em torno do trabalho, na honra, na pátria e da família. Uma série de símbolos nacionais eram acionados:

Imagem 1 – As Forças da Pátria



Fonte: BRITO, Lemos. *Oração às crianças*. Salvador: Livraria Catilina, 1913.

<sup>21</sup> Ibid.



Destacamos a reprodução do quadro *As Forças da Pátria*, de Carlos Oswald. A bandeira do Brasil está presente no fundo, e, apesar da imagem não ser colorida, evidencia os lemas de Ordem e Progresso. A bandeira está posicionada de forma estratégica: apesar de existirem pessoas a frente, elas não impedem seus observadores de verem seu centro. Logo à frente, existe um importante símbolo, que está presente em todo o manual: a religião, no caso o catolicismo, religião oficial do Estado. O homem, que representa São Sebastião, está contemplando o plano acima dele, o céu, e, conseqüentemente Deus. Junto a esta figura, existe uma mulher que lhe dá suporte, ela parece estar desatando suas mãos. Do lado direito, existe um homem abaixado. Dele nada se sabe, não se vê seu rosto, apenas as costas nuas. Contudo, este homem misterioso, apesar de não revelar sua face, revela um detalhe importante: sua cor. Se a presença do homem remete ao índio enquanto um importante elemento nacional, pouco se sabe, mas, ao estabelecer conexões com as teorias elaboradas no período sobre identidade nacional, entende-se que o índio era um elemento assimilado, imagético e politicamente, no projeto de nação moderna, ao passo que o enorme contingente populacional de origem africana, recém liberto do jugo escravocrata, eram considerados um perigo biológico para uma nação que se imaginava branca.<sup>22</sup>

No canto direito, existe, também, uma figura posicionada de costas para quem observa o quadro, é uma criança: o menino está nu, representando sua inocência, e tem as mãos dadas a dois adultos, estes que possuem uma missão: guiar o pequeno aos valores cívicos e patrióticos. A figura demonstra, então, que os livros infantis tinham como finalidade não apenas informar o passado, mas, sobretudo, formar um futuro. Um futuro, uma missão em que as crianças possuíam um papel fundamental na construção de uma ideia de nação, eram elementos fundamentais e constituintes da “força da pátria”:

O bom cidadão é aquelle que não esmorece na prática das virtudes cívicas e privadas. Ama-se a patria nas tradições de seu passado, no Deus da sua religião, na língua que os nossos paes falaram e que é a nossa língua, no seu governo, nas suas leis, na confiança do seu futuro.

Ame-a, pois, jovens bahianos, e jamais lhe recuseis a vossa cooperação, seja qual fôr o momento em que ella toque a rebate, chamando a postos todos os filhos dignos.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Dantas, Carolina V. (2010). *O Brasil café com leite: mestiçagem e identidade nacional em periódicos: Rio de Janeiro, 1903-1914*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa.

<sup>23</sup> BRITTO, op. cit., 27-28.



A moralidade cívica e a moralidade religiosa caminhavam juntas quando se tratava de um tipo ideal de infância. Logo, concluímos que ser criança era estar amparada pela igreja, pelo estado e pela família, conforme evidencia Lemos Britto no capítulo “família”:

Pobre ou rica, no fausto ou na miseria, da plebe ou da fidalguia, na família o romance da paz que nos recolhemos, batidos pelas tormentas da vida. A criança é uma flôr que desabrocha entre outras flores, à sombra do lar, cercada dos zelos paternos e das carícias maternas; a família é o casulo social, é o viveiro dos bons cidadãos.<sup>24</sup>

No entanto, será que essa realidade se aplicava a todos os pequenos e pequenas? A todos os lugares de infância? Para responder essa pergunta, torna-se necessário destrinchar o sentimento de patriotismo que tentava ser formado na mente das crianças. Na obra de Lemos Britto, encontra-se um importante vestígio sobre a construção de um tipo ideal de infância: o amor a pátria era também o amor ao trabalho.

Vós que viveis ainda os brincos da infancia; que, da escola, passaes para a ridente viva domestica; ainda não chegaste à idade em que o homem sente a necessidade impulsiva de trabalhar. Quando lá chegardes, verei quão delicioso é o trabalho!

Elle desenvolve o corpo e o espirito, avigora o animo, fortalece o carater, evita a tentação da vida vagabunda. Raramente encontrei um criminoso repulsivo e odiento, num homem do trabalho; mas encontrareis centenas de deliquentes aos quaes elle regenerou.

O peralvilho, o homem sem officio nem profissão, o que não se peja de viver do suor alheio, é um campo aberto para a sementeira de todos os vícios. Ao contrario, o que labuta de sol a sol, na oficina, no gabinete, ou em qualquer occupação honesta, não tem tempo para pensar nessas cousas aparentemente seductoras [...] O desoccupado constitue sempre um perigo para a sociedade, enquanto que o trabalhador se torna um elemento de progresso, de ordem e de justiça.<sup>25</sup>

Aqui, observamos que para esse tipo ideal de infância, elaborado pela literatura infantil, trabalhar era um horizonte da vida adulta. “Quando lá chegardes”, conforme diz o escritor, isto é, na maioridade, caberia às crianças, agora adultas, desempenharem o trabalho, pois ele desenvolveria o corpo e o espírito e fortaleceria o caráter, evitando o ócio.

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 34.

<sup>25</sup> Ibid., p. 79-80.



A criança era, então, o futuro da nação, e o Brasil contava com seu apoio para tornar-se um país desenvolvido como uma nação européia, espelhando-se no seu vizinho, Estados Unidos.<sup>26</sup> Não raro encontramos imagens que se referiam aos *yankes* como um ideal de progresso. Para isso, os livros infantis ressaltavam a importância da construção de estradas, das linhas, e dos trilhos. O escritor de Orações as Crianças indaga: “Quem realizou esse progresso, completou essa obra, conseguiu essa transformação? O Trabalho”.<sup>27</sup>

Mas, para desenvolver a nação nos moldes estadunidenses, era necessário, assim como nossos vizinhos, resolver o problema dos trabalhadores indígenas e africanizados, aqui descritos como indolentes. Contudo, “apesar dos nossos erros, culpas e vícios, o Brasil tem prosperado muito”<sup>28</sup>. Diferente deles, os pequenos brasileirinhos deveriam estar atentos ao trabalho, distinguindo, inclusive, o trabalho especializado do não especializado: existiam ofícios que exigiam aprendizados para executá-los, ao passo que alguns não necessitavam das especializações.

Destacamos aqui a importância da especialização de determinados postos de trabalho, presente nos livros infantis, que associavam os estudos com determinados ofícios. Mas, em contrapartida, encontramos alguns livros que incentivavam o trabalho de crianças pobres. Destacamos a obra *Mosaico Infantil*<sup>29</sup>, de Virgílio Cardoso, que fala de operários pobres:

Não basta que o menino estude; é preciso mais que se habitue ao trabalho, que é a fonte da vida, o princípio da ordem, a base da paz e do progresso. Uma profissão, qualquer que ela seja, é sempre nobre. O homem que vive do trabalho é feliz: só depende de sua atividade e energia.<sup>30</sup>

Se para as crianças da elite o trabalho era um horizonte possível da vida adulta, para os pequenos e pequenas das classes populares o mesmo não acontecia. A concepção de infância como uma etapa idela do desenvolvimento humano era restrita apenas a um tipo ideal de infância, que, conforme evidenciaremos, estava bastante distante da precariedade, da orfandade e da exploração que marcou a experiência da infância desvalida.

Não só Lemos Britto, como uma série de escritores de livros infantis se dedicaram ao trabalho infantil. É o caso de Virgílio Cardoso, autor de *Mosaico Infantil*. O escritor, nascido em 1868 na

---

<sup>26</sup> SAMPAIO; ALBUQUERQUE, op. cit. SAMPAIO; ALBUQUERQUE, op. cit., Capítulo 4: Navegadores Cientistas.

<sup>27</sup> BRITTO, op. cit., p. 91.

<sup>28</sup> Ibid., p. 84.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *Mosaico infantil*. Bahia: Livraria Catilina, 1911.

<sup>30</sup> Ibid, p. 57.



cidade de Salvador, era, também, um jurista brasileiro, profundamente engajado em tornar a República um projeto democrático capaz de promover inclusão política e justiça social.<sup>31</sup> Em suas obras, o escritor incentivava o trabalho de crianças pobres, sobretudo em atividades agrícolas e fabris. No caso da infância desvalida, era preciso que o menino pobre trabalhasse, para ajudar a nação.

A valorização do trabalho dentro dos livros infantis direciona diversos desdobramentos. Nota-se que, ao narrar esse tema, os escritores estão, na verdade, forjando concepções ideais de infância, que, através do trabalho, tinha como finalidade inserir os pequenos e pequenas dentro das teses e teorias sobre a construção da nação. Contudo, enquanto para determinadas crianças a valorização do trabalho representava uma forma de patriotismo, para outras esse elemento era muito mais que uma missão, mas sim um projeto civilizador: falaremos, então, dos menores.

Mas, afinal, qual o significado do ser menor em um país que havia recém abolido a escravidão? Enquanto as elites republicanas se empenhavam na criação de um tipo ideal de infância, percebemos, em contrapartida, a construção do ser menor. Muito longe do que era relatado no universo das histórias infantis, ao menor eram reservadas as ocorrências policiais, as matérias de jornais, as denúncias e processos crimes. Aos poucos, os intelectuais, que enxergavam na cultura do trabalho uma forma de disciplinar a população, iam criminalizando o ser menor, que foi construído em oposição ao ser criança.

## Referência

AMICIS, Edmondo de. *Coração*. São Paulo: CosacNaify, 2011.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 168.

BRITO, Lemos. *Oração às crianças*. Salvador: Livraria Catilina, 1913.

CERQUEIRA, Alan Costa. *De órfãos a trabalhadores: trajetórias das crianças expostas do Asilo Nossa Senhora da Misericórdia (1862-1889)*. Orientadora: Gabriela Sampaio, Dissertação de mestrado em História (UFBA), 2016. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: [https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2016\\_cerqueira\\_alan\\_costa\\_de\\_orfaos\\_a\\_trabalhadore](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2016_cerqueira_alan_costa_de_orfaos_a_trabalhadore)

---

<sup>31</sup> DAMASCENO, Alberto; VIEIRA, Carlos Eduardo. Discurso republicano e o debate sobre a formação do povo brasileiro na trajetória de Virgílio Cardoso de Oliveira. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, Brasil, vol. 22, pp. 163. Disponível em: <https://doaj.org/article/82eb67c37c224451b486fe40989bf685>. Acesso em 08 jun 2023.



[s trajetorias das crianças expostas do asilo nossa senhora da misericordia 1861-1889 0.pdf.](#)

Acesso em 08 jun 2023.

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravidão no Brasil. 1850-1888*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

COWLING, Camillia. *Concebendo a liberdade: Mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro*. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2018

CRUZ, Lisiane Ribas. “Precisa-se de uma menina de 12 anos de idade para cuidar de creança”: *O trabalho Infantil na Primeira República (Porto Alegre/RS)*. AEDOS, v. 7, n. 17, p. 303-321, 2015.

DAMASCENO, Alberto; VIEIRA, Carlos Eduardo. *Discurso republicano e o debate sobre a formação do povo brasileiro na trajetória de Virgílio Cardoso de Oliveira*. *Cadernos de História da Educação, Uberlândia, Brasil, vol. 22, pp. 163*. Disponível em: <https://doaj.org/article/82eb67c37c224451b486fe40989bf685>. Acesso em 08 jun 2023.

DANTAS, Carolina V. (2010). *O Brasil café com leite: mestiçagem e identidade nacional em periódicos: Rio de Janeiro, 1903-1914*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador 1890-1937*. *Afro-Ásia*, n. 21-22, 1998.

FONSECA, Marcus Vinícius. *A Educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

HELBER, Renato Medeiros. *Lemos Britto e a Questão dos Menores no Brasil (1920-1963)*. XIX Encontro de História Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, p.1, Setembro, 2019. Disponível em: [https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600452710\\_ARQUIVO\\_85e09389dcefc5163d2d22503760ab5e.pdf](https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600452710_ARQUIVO_85e09389dcefc5163d2d22503760ab5e.pdf). Acesso em 08 jun 2023.

*Lei do ventre livre: Collecção das Leis do Império do Brasil de 1871, Tomo XXI, Parte I*, Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1871, p.148.

*Lei do ventre livre: Collecção das Leis do Império do Brasil de 1871, Tomo XXI, Parte I*, Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1871, p.148.

LEITE, Miriam L. Moreira. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela Medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República*. In: MAIO, Marcos Chor;



SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Ed. FIOCRUZ/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

LIMA, Tatiana Silva de. “Crias da casa, domésticos e servos: Interfaces dos mundos do trabalho no Recife de 1837 a 1870”. Disponível em: <http://labhstc.ufsc.br/eventos/historias-do-trabalho-no-sul-global>. Acesso em: 08 jun 2023.

MATTOSO, Kátia de Q. O filho da escrava (Em torno da lei do ventre livre). *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 8 nº 16, pp. 37 – 55, mar. 88/ago. 88, p. 39.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *Mosaico infantil*. Bahia: Livraria Catilina, 1911.

Presidência da República Casa Civil. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm). Acesso em 20 de jan de 2020.

RIZZINI, Irene. *Vida nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* Rio de Janeiro: Loyola Editora PUC-Rio, F. Terre des Hommes, CIESPI, 2003.

ROCHA, Mateus Vinícios Afonso. *Como a poesia das laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

RODRIGUES, Amélia. *Mestra e mãe: Educação cívica e moral*. Bahia: Typ. Salesiana, 1929.

RODRIGUES, Andréa da Rocha . *A infância esquecida. Salvador 1900-1940* . Dissertação de Mestrado. UFBA,1998

SAMPAIO, Gabriela dos Reis; ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *De que lado você samba?* (Coleção *Históri@ Ilustrada*). Editora da Unicamp. Edição do Kindle.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Caroline Santos. *A Escritora Amélia Rodrigues Através das Páginas de Mestra e Mãe*. VII Simpósio Nacional de História Cultural, São Paulo, p. 1. Novembro, 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Caroline%20Santos%20Silva.pdf>. Acesso em: 08 jun 2023.

SILVA, Caroline Santos. *Representação e Subjetividades Infantis nos Livros para Crianças em Salvador no Início do Século XX*. Orientadora: Ana Lize Brancher. 2017. Tese (Doutorado). Curso de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185396>. Acesso em 08 jun 2023.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, 2ª edição, Editorial Estampa, 1993.



VENÂNCIO, Renato Pinto. Famílias abandonadas: Assistência à criança das camadas populares no Rio de Janeiro e Salvador – Século XVIII e XIX. Campinas: Papyrus, 1999.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.